

A CONVIVÊNCIA DAS MULHERES NO SEMIÁRIDO PARAIBANO

Rute Vieira¹

Resumo

Este artigo tem como propósito debater o modo de vida das mulheres e sua relação com a água no semi-árido Paraibano. Nesse contexto, buscamos compreender essa realidade, a partir de nossas idas ao campo, como também através de revisão bibliográfica. A importância dos estudos sobre os espaços ocupados pelas mulheres tem sido objeto de transformação histórica e vem tomando importância não só na Geografia, mas em outras ciências como a Sociologia, Ciências Sociais, História, dentre outras. Estudamos as mulheres do Cariri Paraibano, especificamente em Lajedo de Timbaúba, no sentido do espaço relacional. Para SANTOS (1994), o espaço pode ser considerado de três modos, sendo eles: O Espaço Absoluto (analisado por si só), O Espaço Relativo (os objetos são relacionados uns com os outros) e o Espaço Relacional, onde o autor trabalha a partir das relações entre conteúdo (sociedade) e forma (objetos geográficos). A comunidade de Lajedo de Timbaúba, está localizada Mesorregião da Borborema, e na microrregião do Cariri paraibano.

Palavras-chave: Gênero, Território, Grupo de Mulheres.

Introdução:

Este artigo tem como propósito debater o modo de vida das mulheres e sua relação com a água no semi-árido Paraibano. Nesse contexto, buscamos compreender essa realidade, a partir de nossas idas ao campo, como também através de revisão bibliográfica.

A importância dos estudos sobre os espaços ocupados pelas mulheres tem sido objeto de transformação histórica e vem tomando importância não só na Geografia, mas em outras ciências como a Sociologia, Ciências Sociais, História, dentre outras.

Estudamos as mulheres do Cariri Paraibano, especificamente em Lajedo de Timbaúba, no sentido do espaço relacional. Para SANTOS (1994), o espaço pode ser considerado de três modos, sendo eles: O Espaço Absoluto (analisado por si só), O Espaço Relativo (os objetos são relacionados uns com os outros) e o Espaço Relacional, onde o autor trabalha a partir das relações entre conteúdo (sociedade) e forma (objetos geográficos).

A totalidade trabalhada por SANTOS (1994) seria o somatório do conteúdo (sociedade) e formas (objetos geográficos). uma vez que a sociedade que se utiliza e ocupa

¹ Mestre do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPB. E-mail: rutgeoufpb@gmail.com.br.

esse espaço, foi analisada por nós através de um conjunto de possibilidades interligadas e interdependentes.

Enquanto transformação ou metamorfose² o espaço que as mulheres ocupam revela um dinamismo, principalmente quando observamos o processo de relações sociais que ao mesmo tempo nos mostra as transformações do ambiente que compõe o conjunto dos elementos humanos e ambientais da referida porção espacial.

Sendo a heterogeneidade, uma das características do espaço habitado, se refere a distribuição numérica da população, na própria evolução da sociedade, na diversidade qualitativa como os grupos étnicos, culturais, e igualmente os “níveis de vida” que é desigualmente distribuído.

Entendemos que o espaço geográfico é:

um sistema de realidades, ou seja, um sistema formado pelas coisas e a vida que as anima [...] ou ainda, “o espaço deve ser considerado como um conjunto indissociável de que participam, de um lado, certo arranjo de objetos geográficos, objetos naturais e objetos sociais, e, de outro a vida que os preenche e os anima, ou seja, a sociedade em movimento (SANTOS, 1994, p. 25-26).

Nesse sentido desenvolvido por Santos (1994), que buscamos discutir o espaço geográfico como um uno e múltiplo, onde partimos do entendimento que a teoria e a prática são bases fundamentais para o entendimento do espaço geográfico, nesse caso, essa díade se integra e complementa os estudos da Geografia.

Evidencia-se a importância do trabalho de campo na construção do conhecimento geográfico. Para tanto, utilizamos como referencia SERPA (2006), RODRIGUES (2005) e SANTOS (1996) (1994) (1986).

A partir dessa linha entendemos que o trabalho de campo para o geógrafo é o momento onde se consegue unir os elementos teóricos, práticos, fazer recortes espaciais, analisar e conceituar o espaço de acordo com os objetivos definidos pelo pesquisador. Nesse sentido o campo é uma ferramenta fundamental, já que sua importância se coloca enquanto uma base e produção do conhecimento geográfico.

Segundo Serpa (2006), o trabalho de campo em uma pesquisa geográfica deve considerar o espaço enquanto totalidade. Nesse sentido, atenta para o perigo existente, a

² Ver SANTOS, M. Metamorfoses do Espaço Habitado. HUCITEC: São Paulo, 1994.

separação entre a teoria e a metodologia no trabalho de campo, pois em alguns trabalhos em geografia permanece esta compartimentação do conhecimento.

Serpa (2006) ainda pensando sobre o espaço enquanto totalidade diz que ele é composto de um mosaico de relações que se inclui o tempo, o processo histórico, formas, funções, sentidos e objetos naturais e artificiais que se metamorfisa/transforma cotidianamente, daí a importância do trabalho de campo na Geografia. Um outro fator de importância para o trabalho de campo é o recorte espacial do estudo. Para Serpa (2006), esse recorte deve contemplar e abarcar com coerência os fenômenos que se deseja estudar. Nesse caso, quando não se estipula um recorte espacial de todos os fenômenos a serem estudados, o pesquisador fará a sua análise de forma fragmentada, o que se coloca enquanto um perigo para nós Geógrafos, pois ao fragmentar nosso campo de análise, estaríamos perdendo o nosso princípio de totalidade, daí a importância da escala para o geógrafo.

Prosseguindo na discussão sobre o trabalho de campo, Rodrigues (2005), em seu texto *Notas para a realização do trabalho de campo em Geografia Agrária*, diz que o trabalho de campo é nosso laboratório primordial, o qual exige um trabalho anterior, que se constitui de leituras e levantamento de questões a se pesquisar. A importância de se adotar alguns procedimentos éticos no decorrer do trabalho de campo, dos procedimentos são elencados a necessidade de,

“uma apresentação previa dizendo a que instituição pertence e os objetivos do trabalho de campo; solicitar permissão, em ocasião propícia, para fazer uso de máquina fotográfica e gravador; adentrar aos domicílios ou órgãos públicos somente mediante autorização; vestir-se adequadamente; ter paciência para ouvir; não interromper o entrevistado ou informante; evitar conversas paralelas e comentários sobre a cultura local que dê margem a mal entendidos” (RODRIGUES, 2005 p.2).

Considerando as reflexões expostas pelos autores, a discussão não se encerra, pois o tema é de importância fundamental na Geografia, já que é através do trabalho de campo que observamos o desenvolvimento dos trabalhos e pesquisas do Geógrafo. Nesse sentido concordamos com Rodrigues (2005 p.2) ao afirmar que “o campo é nosso laboratório primordial. É também o lugar onde renovamos nossos mais preciosos conhecimentos e onde, diante do inusitado, renovamos nossas utopias”. Discutir a teoria e prática de forma abreviada para aprofundarmos estas questões de forma integrada durante o desenvolvimento do trabalho.

A comunidade Lajedo de Timbaúba

No que diz respeito a Lajedo de Timbaúba, minha presença na comunidade se deu em quatro momentos bastante proveitosos e gratificantes. Na pesquisa em loco passei a observar, fiz anotações nos cadernos, ao mesmo tempo registrava a paisagem com o auxílio de máquinas fotográficas. Cabe destacar que objetivamos utilizar a fotografia não apenas como ilustração, mas como documento e expressão da memória.

Sobre a importância da fotografia nos trabalhos científicos destaco aqui os trabalhos de Valério (2002) que discuti sobre a Feira Livre, bem como o de Santos (2007) quando discuti sobre *Frente, Verso e Reverso de um Cartão-postal: Leituras de paisagens da Praça Nossa Senhora da Boa Viagem - Recife – PE*. Ambos valorizam a importância da fotografia e afirmam que:

“a foto é peça reveladora dos agentes que contribuem para a dinâmica da feira de forma micro-espacial, é capaz de registrar os trabalhadores, as mercadorias e os consumidores.(Valério,2007, p.35)

A exceção que permite reavivar essas imagens reside no seu uso como despertar de memórias, seja avivando as lembranças de quem realizou a foto, de quem viveu um lugar, teve a oportunidade de visitá-lo, ou de algum modo testemunhou os locais fotografados. Daí a importância que a fotografia dos lugares, sobretudo as amadoras, têm para os estudos das paisagens, elas têm a característica de reativar a memória das experiências individuais e coletivas, vividas em momentos que passaram a ser mais bem compreendidos e fixados depois de observados através de uma foto pessoal mais antiga. Santos (2007, p. 51).

A comunidade de Lajedo de Timbaúba, esta localizada Mesorregião da Borborema, e na microrregião do Cariri paraibano, o acesso a comunidade, partindo do município de Soledade, situa-se as margem da rodovia estadual 230 precisamente no km 222³, rodovia esta que liga o sertão do estado a capital.

Conforme Duque e Oliveira (2004, p.14) as relações familiares e o contato afetivo com a terra, se deram da seguinte forma:

[...] era composta por muitos trabalhadores (seus 3 casamentos lhe deram 11 filhos que lhe renderam 60 netos), inclusive vários “agregados” (em geral eram parentes). Estes podiam cultivar um roçado próprio, com a condição de trabalharem alguns dias por semana no roçado do Vô. Outros desses “agregados” eram meeiros, ou seja,

³ De acordo com os relatos das entrevistas no campo foi questionado o porque da ausência de uma placa sinalizando a entrada que dá acesso a comunidade, entrada esta que fica as margens da BR – 230, onde foi diagnosticado que os moradores da comunidade de Lajedo de Timbauba justificaram que atualmente pelo fato da grande violência no campo acompanhada por roubos muitos vezes até seguidos de mortes presente nos sítios vizinhos acham melhor que a comunidade fique escondida dos ladrões que sempre passam na rodovia, muitos moradores alegam que devido o número de aposentados existentes na comunidade tem muito risco de assaltos e violências contra os moradores da comunidade.

cultivavam roçado nas terras do Vô e dividiam a colheita com ele como forma de ressarcir o uso da terra. Os filhos, quando solteiros, trabalhavam no roçado do pai. Quando casavam e construía as suas casas, eles ganhavam também uma área para plantar. Este roçado, que era para “o sustento”, era de tamanho variável e não devia ultrapassar 2 ou 3 ha. Se o filho quisesse botar um roçado maior, devia plantar “de meia” no terreno maior do “Vô”.

A comunidade recebeu o nome de “Lajedo de Timbauba”, pelo fato de existir uma grande quantidade de lajedos rochosos e também numerosas espécies de plantas sipaúba. No ano de 1984 o lugar que antes era denominado como fazenda passou a ser chamada de comunidade, com o apoio da Igreja Católica (Comunidades Eclesiásticas de Base (CEBs)), e da criação da Associação Comunitária, que aos poucos foram realizando trabalhos junto aos moradores. Trabalhos estes que tinha como objetivo levar o evangelho a todos os povos dos sítios vizinhos e criar cada vez mais comunidades.

O grande problema da comunidade era a escassez de recursos hídricos, onde não havia açudes construídos e a comunidade contava apenas com um tanque de pedra que servia para todos os moradores da comunidade. De acordo com os relatos dos moradores, os animais sobreviviam com água dos municípios vizinhos, situações desse tipo ocorria sempre em anos de seca, houve também a implementação de um projeto governamental a ação das Frentes de Emergência⁴ para colocar água no Tanque comunitário.

Nesta região, as dificuldades são tamanhas que muitos dos descendentes dessa comunidade migraram para os grandes centros regionais como São Paulo e Rio de Janeiro, em busca de trabalho. Como o passar dos anos, essa comunidade foi crescendo, e atualmente é composta por 32 famílias, muitas mulheres donas de casa, na maioria os homens trabalham na agricultura. Vale salientar que anos anteriores os homens em sua maior parte migravam que devido a falta de oportunidade de trabalhos, saiam em busca de trabalho nas regiões Sul e Sudeste. O fenômeno migratório se faz presente no discurso dos agricultores de Lajedo, como fruto de um processo de condições sociais desfavoráveis à permanência na terra. Desenraizados, flagelados e invisíveis nas grandes cidades, muitos retornam e outros permanecem na situação de incluídos perversamente, como assinala Martins (1986).

⁴ Frente de Emergências, eram grupos civis organizados pelo Governo para dar trabalho e pagar um mínimo de remuneração para as populações afetadas pela seca poderem sobreviver durante as grandes secas e assim, evitar os saques ao comércio das cidades próximas, e a revolta popular. Estas “Frentes” foram usadas como mão de obra na construção das grandes Obras Hídricas, notadamente dos açudes principalmente entre as décadas de 1920 até 1970.

No ano de 1999, devido a grande seca que alastrava no cariri, os moradores da comunidade se organizaram, com o objetivo de buscar soluções. Foi então que recorreram a diversas instituições, como às igrejas, sindicatos e ONGs. Dessa forma conquistaram o espaço e as oportunidades para melhor aproveitar os recursos que aquela área oferece. Vale salientar que a presença das mulheres era marcante no montante dessa organização.

Além dos programas criados em decorrência das secas na comunidade, que tem como principal ação é o abastecimento de água, as intuições incluíram outros programas que merecem destaque são eles: o Grupo de Mulheres, o Banco de semente, ambos recebem o apoio da ASA e a Arcas das Letras, implantado pelo Projeto Dom Helder. Projetos esses implantados na comunidade tem por objetivo primordial proporcionar mudanças no intuito de promover cada vez mais a permanência convivência dos moradores no campo.

As mulheres da comunidade, apesar de assumir a responsabilidade com os afazeres domésticos, desenvolveram uma alternativa de geração de renda. Os primeiros projetos implantados na comunidade foram os direcionados ao abastecimento de água. Porém, além dessa ação, outros programas foram implantados, como exemplo, o fortalecimento da agricultura e geração de emprego e renda. Contando com a assessoria de ONGs e Órgãos governamentais, as mulheres estão participando cada vez mais das atividades de formação e mobilização na luta e conquista da autonomia da mulher dentro da comunidade. O Grupo de Mulheres existe desde 2004 e congrega mulheres com diferentes trajetórias de vida. Muitas delas não viviam muito satisfeitas com a situação econômica que as mesmas se encontravam e se uniram com o objetivo de construir alternativas para melhoria de vida e das rendas de suas famílias. No decorrer dos anos, as mulheres apesar de muitas dificuldades foram conquistando crescentes espaços de participação de auto-afirmação como o novo sujeito social ativo na comunidade, no início, havia um certo descrédito por parte de algumas componentes do grupo.

A inclusão da mulher do campo na capacitação de atividades de geração de renda favorece sua participação no mercado de trabalho, pois a partir dessa pratica faz com que ela conquiste outros espaços. Pode ser considerado como uma saída da rotina que é o serviço doméstico, pois através dessas mudanças a mulher pode conseguir sua autonomia. Como podemos perceber nas falas seguintes:

Hoje eu me sinto uma mulher independente, mas antigamente as mulheres não era independente tinha que fazer do jeito que os maridos quisesse mas hoje através

dessas ONGs que teve ai muitas coisas ajudou as mulheres daqui da comunidade, muitas mesmo principalmente com o Grupo de mulheres. Antigamente eu mesmo tinha medo de gente, quando chegava gente aqui na minha casa eu me escondia, mas com grupo de mulher a gente conversa tudo e muito bom conversar sobre nosso grupo, com as nossas comades daqui da comunidade. (Socorro, Grupo de Mulheres)

Diante desses fatores faz-se junção às inúmeras experiências com as praticas coletivas, que ao mesmo tempo provem de ações de convivência com a região do semi-árido. Desse modo participaram de cursos voltados para o beneficiamento de frutas da região, onde o grupo foi formado com o intuito de gerar renda para a ajuda no sustento da família. Foi então que surgiu o Grupo de mulheres de Lajedo de Timbauba, ver figuras a seguir, por nome MADFN – Mulheres Ativas no Desenvolvimento de Frutos Nativos.

No inicio o grupo de mulheres, teve como atividade primordial o artesanato, porem não obtiveram sucesso, o lucro não agradou as integrantes do grupo que somavam em dez mulheres. Portanto partiram para prática do Beneficiamento de frutas⁵. No primeiro momento cada mulher sai para as plantações de fruteiras e faz a colheita das frutas que se enquadra em cada safra do ano. Vale lembrar que o trabalho das mulheres vai de acordo com tempo de chuvas e das épocas de safras de cada fruta que da na região.

“Nosso trabalho no grupo de mulheres depende da época de chuvas e das frutas, quando é tempo de umbu a gente trabalha todos os dias, quando não tem frutas a gente trabalha uma vez por semana nossa reunião é mais nas terças feiras, porque na segunda-feira e dia de feira em Soledade ai a gente vai levar nossos produtos para paróquia e pra bodega em Soledade. . (Maria Jose, Grupo de Mulheres)”

Para algumas mulheres, quando os pés de frutas fica muita distante, o trabalho e árduo, podendo até percorrer entre um a dois quilômetros a pé, muitas vezes também no caminho encontram obstáculos, como as cercas as cancelas, no caso das cercas as mesmas tem que pular, na ida tudo se torna fácil porém na volta com certo peso o trabalho torna-se bastante cansativo. Essa realidade mostra no depoimento a seguir,

O único serviço que acho pesado é a gente sair das no casas pra gente ir juntar as frutas, como o umbu, porque os pés de umbu são longe da casa da gente, os serviços mais pesados e catar frutas deixa a gente tão cansada que a gente já pensou em

⁵ É um conjunto de equipamentos e operações que possibilitam a racionalização/otimização de um sistema de trabalho, para preparar a fruta que se deseja comercializar “in natura”, ou seja, a fruta de mesa, quer seja para o mercado interno ou para exportação.

colocar os homens pra trabalhar com nos dentro do grupo, a gente em muita vontade, só que os homens daqui não se interessa, porque olhe é tanto bom pra gente com também pra ele, porque se os homens se interessasse a gente dividia as tarefa, por exemplo os homens ficava pra catar frutas e as mulheres ficava pra trabalhar dentro da fabrica, eles só apanhava fruta e a gente so processava, mas eles não querem porque os homens daqui são muito machistas. (Fafá, Grupo de Mulheres)

As mulheres se queixam de alguns problemas de infra-estrutura durante as atividades realizadas dentro da fábrica, um deles é não ter espaço suficiente exigido pela Vigilância Sanitária, um outro mais relevantes e a questão do manuseio com água, a falta d'água dentro da fábrica acarreta mais um trabalho para as mulheres onde as mesmas tem que ir buscar na cisterna baldes e mais baldes na cabeça, torna-se um trabalho cansativo e perde-se muito tempo. A fabrica não tem todos os equipamentos necessários para melhorar no seu funcionamento como, por exemplo, não tem freezer suficiente, a ausência de uma mesa grande, falta um balcão de alvenaria, dentre outras questões relatadas pelas mesmas:

“A gente esta trabalhando pra ver se a gente consegue fazer a nossa sede que é o nosso prédio, porque a gente lá em seu Inácio Tota e dele, a casa e dele, mas a gente quer fazer nosso prédio pra gente poder plantar muda e a gente botar uma horta. (Claudiane, Grupo de Mulheres)”

No processo de beneficiamento das frutas, os produtos sem rotulo como as polpas e doces são transportados e vendidos na bodega agroecológico, localizado no município de Soledade, bem como abastecem as escolas do município com as polpas, a partir de um projeto do governo federal denominado – Companhia Nacional de Abastecimento - CONAB. O grupo de mulheres para melhor funcionar necessita de um planejamento, falta traçar algumas metas para o andamento da fábrica, pois apesar de já atuarem a alguns anos no beneficiamento de frutas, ainda hoje se percebe grandes dificuldades, as promessas são muitas, mas que na verdade isso mostra que as organizações não governamentais e governamental que deram apoio no inicio não visitam mais, pois o grupo precisa debater as questões e os desafios enfrentados por elas.

Todos esses fatores é de responsabilidade das instituições parceiras, que deve dar todo o apoio para que as mudanças ocorram no quadro da situação que se encontra hoje o grupo de mulheres Vale salientar que, a inserção da mulher do campo, nas atividades geradoras de renda, favorece sua participação no mercado de trabalho, esse fator vai refletir nas diversas mudanças nas relações sociais entre os homens e as mulheres, pois a mulher ao conquistar

outros espaços, posteriormente conseguirá sua autonomia que a renda pode proporcionar. Dessa forma excluir a relação de gênero da política de desenvolvimento rural, e negar a mulher produtora deste espaço de exercício e cidadania.

Considerações Finais

Desconsiderar a equidade de social de gênero nos programas voltados para a região semi-árida com o intuito de conviver com as condições existentes na região ou melhor com a seca, é trilhar na contra mão do desenvolvimento, pois as mulheres do campo são participantes ativas das atividades produtivas e reprodutivas do semi-árido. Podemos dizer também, que o grupo de mulheres constitui na esfera na comunidade como um território de poder e de autonomia, pois no seu âmbito as mulheres, saem da esfera da casa, do quintal e do roçado, para incorporar a esfera do trabalho. Mesmo que as tarefas domésticas sejam também consideradas como trabalho, elas não são computadas pelo chefe da família como tal. E, dessa forma o homem continua sendo o responsável para tomar as decisões, sendo visto como autoridade máxima da família. A nossa pesquisa mostrou que a posição da mulher na família é, na maioria dos casos, de subordinação: O patriarcalismo esta ainda muito enraizado e presente no cotidiano dessas mulheres. Porém os sinais de mudança que detectamos são o fortalecimento da solidariedade, a valorização da vida comunitária, a quebra de timidez, a responsabilidade social, essas transformações dentre outras, podem indicar efetivamente o despertar de uma nova tendência das relações de gênero, principalmente para as mulheres que fazem parte do grupo de mulheres, é um movimento importante para alterar os padrões de comportamento tradicionais.

Referências Bibliográficas

- AB' SÁBER, A. N. Sertões e sertanejos: uma geografia humana sofrida. In: Revista de Estudos Avançados da USP. São Paulo: v. 13, nº 36, p. 07-59. 1999.
- ANDRADE, M. C. de. A problemática da seca. Recife: Líber Gráfica e Editora, 1999.
- ANDRADE, Manuel Correia de. A terra e o homem no Nordeste. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1998.
- ASA BRASIL. Disponível em: <<http://www.asabrasil.com.br>> Acesso em: junho de 2010.
- BOFF, L. **O semi-árido: o mais chuvoso do planeta.** In: Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br>>. Acessado em: 24/03/2008.

BRASIL. Ministério do Meio Ambiente/Secretaria de Recursos Hídricos. *Atlas das áreas suscetíveis à desertificação do Brasil*. Brasília: MMA 2007.

DANTAS, C. Organização de mulheres e convivência com o semi-árido: a experiência das cisternas no Rio Grande do Norte. In: *Agriculturas Experiências em Agroecologia*. Rio de Janeiro, Leisa, Brasil, julho 2007, v. 04, n. 02, p. 28.

DUQUE, Ghislaine (org.). (2002), *Agricultura familiar, meio ambiente e desenvolvimento: Ensaio e pesquisas em Sociologia Rural*. João Pessoa, Editora Universitária/UFPB.

DUQUE, Ghislaine, OLIVEIRA, Maria do S. de Lima. (2003), “A experiência da ASA/PB com os Fundos Rotativos Solidário”, in SIMPÓSIO BRASILEIRO DE CAPTAÇÃO E MANEJO DE ÁGUA DE CHUVA, 4º, Juazeiro. 4º Simpósio Brasileiro De Captação E Manejo De Água De Chuva. Juazeiro, ABCMAC, 1 CD Room.

ESMERALDA, Gema Galgani Silveira Leite. *O feminino na sombra: relações de poder na CUT*. Fortaleza: EUFC, 1998.

FRANCO, M. “A luta pela terra sob enfoque de gênero: os lugares da diferença no Pontal do Paranapanema”. (Doutorado) Geografia, UNESP: São Paulo, 2004.

FURTADO, Celso. A luta pelo Nordeste e a estratégia da SUDENE. In: *A Defesa Nacional*, ano XLIX, n574-575. Rio de Janeiro. Maio/Junho de 1962.

GONÇALVES, C. W. P. *Os (des) caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 14 ed., 2006.

HAESBAERT, R. *O mito da desterritorialização*. Rio de Janeiro: Bertrand, Brasil, 2004.

MALVEZZI, R. A questão da água na América Latina. 2005. Disponível em: <www.jubileubrasil.org.br/artigos> Acesso em: 17/02/2008.

MARIANO NETO, B. *Ecologia e imaginário: memória cultural, natureza e submundialização*. 1. ed. João Pessoa-PB: Editora Universitária/UFPB, 2001.

MARTINS, J. de S. *Os camponeses e a política no Brasil*. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.

MOREIRA, E. R. F. *Os estudos regionais realizados para a Paraíba*. Apostila de Estudos. João Pessoa: Departamento de Geociências, UFPB, 2000. (mimeo)

RAFFESTIN, C. *Por uma geografia do poder*. (Série Temas). São Paulo: Ática, 1993.

RATZEL, F. *Ratzel – Geografia*. S. I.: Ed. Ática, 1990. N. 59. (Coleção Grandes Cientistas Sociais).

REBOUÇAS, A. da C; TUNDISI, J. G; BRAGA, B. Águas doces no Brasil. Capital ecológico, uso e conservação. São Paulo: Escrituras, 1999.

SANTOS, M. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. 3 ed. São Paulo: Editora Hucitec, 1986.

SERPA, Â. O trabalho de Campo em Geografia: Uma Abordagem Teórico- Metodológica. In: Boletim Paulista de Geografia. São Paulo, Jul. 2006. nº 84.

SILVA, S. V. da. Os estudos de gênero no Brasil: Algumas considerações. Universidade Federal do Rio Grande. Biblio 3W Bibliográfica de Geografia y Ciências Sociales, Universidade de Barcelona, n. 262, 15 de novembro de 2000. Disponível em: <www.reggal.com.br>. Acessado em: 07/09/2007.

SILVA, Roberto Marinho Alves. Entre o Combate à seca e a Convivência com o semi-árido: Transições paradigmas e sustentabilidade do desenvolvimento. Tese de Doutorado – Centro de Desenvolvimento Sustentavel, Universidade de Brasília, 2006

_____. Uma contribuição da geografia para gestão dos recursos hídricos no Brasil. VIII ENCONTRO REGIONAL DE ESTUDOS GEOGRÁFICOS. Natal-RN, 2001.

_____. O sistema aquífero guarani (SAG) no Mercosul. 2002. Tese (Doutorado). Geografia. Universidade de São Paulo, 113 p.